

**CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL E OS CAMINHOS DE MENOR
RESISTÊNCIA: CONTRIBUIÇÃO DE ISTVÁN MÉSZÁROS AOS DESAFIOS
CONTEMPORÂNEOS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS**

Eixo: Marxismo no Século XXI: adeus à revolução?

Edilvan Moraes Luna¹
Joana Bezerra Ricarte²

Resumo

Desde 2008, se presencia, em vários países, manifestações sociais, ações de movimentos sociais que possuem diferentes faces no contexto da luta social. São lutas pelos direitos de minorias, contra a precarização do trabalho, movimentos anticapitalistas, dentre vários outros. O momento de crise estrutural do capital impulsiona os indivíduos em direção a um sentimento de descontentamento, que toma a forma de descontentamento em massa. Contudo, as manifestações sociais podem tomar diferentes rumos que, não necessariamente, significarão a solução dos problemas por quais estão lutando. É nesse contexto que o presente trabalho se propõe a apresentar as observações e contribuições teóricas do filósofo húngaro István Mészáros, no que consiste às atuações dos movimentos sociais. A partir de um estudo bibliográfico, o presente artigo exporá a concepção de crise estrutural do capital na visão de Mészáros e de outros autores importantes, para, em seguida, apresentar as observações do filósofo húngaro acerca dos movimentos sociais, observações estas que são desde o sentido da luta dos movimentos até o risco de se cair no que o autor considera como o caminho “de menor resistência”. Espera-se com essa discussão reafirmar a importância da revolução, teorizando acerca da necessidade da orientação revolucionária aos movimentos sociais.

Palavras-chave: Barbárie; Caminho de menor resistência; Sociometabolismo do capital.

Abstract

Since 2008, we presence in many countries, social events, actions of social movements that have different faces in the social contestation. They are conflicts for the rights of minorities, for gender equality, against precarious work, anticapitalist movements, among many others. The moment of structural crisis of capital drives individuals toward a sense of discontent, which takes the form of mass discontent. However, the social manifestations may take different directions that do not necessarily mean the solution of the problems which are struggling. In this context, this paper aims to present the observations and theoretical contributions of the Hungarian philosopher István Mészáros, which consists in the performances of social movements. From a detailed bibliographical study, this paper will outline the design of structural crisis of capital in view of Mészáros and other important

¹ Bacharel em ciência econômica pela Universidade Regional do Cariri e em administração de empresas pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. É graduando em ciências sociais pela Universidade Regional do Cariri.

² Graduando em ciências sociais pela Universidade Regional do Cariri.

authors, to then present observations of the Hungarian philosopher about social movements, these observations consist about the reasons of the movements and the risk of falling into what the author regards as the line “of least resistance.” It is hoped that this discussion reaffirm the importance of revolution, theorizing about the necessity of revolutionary orientation to social movements.

Keywords: Barbarism; Line of least resistance; sociometabolism of capital.

Introdução

O título de uma das principais obras do filósofo húngaro István Mészáros é intitulado *Para Além Do Capital: rumo a uma teoria da transição*. A partir do título da obra podemos observar as pretensões do autor no campo teórico-prático, principalmente no que concerne teorizar sobre uma sociedade *para além do capital*, para além do poder dominante do capital sobre a organização e reprodução da vida social.

Mészáros segue a tradição marxista de crítica ao capital e a sociedade capitalista. Porém o momento histórico em que escreveu seu *Para Além Do Capital*, segunda metade do século XX, demandou do autor uma atenção ainda maior nas suas reflexões. Atenção maior por duas razões principais. Primeiro, as iniciativas de organização política socialista pareciam fracassar no que realmente representava uma revolução socialista. Em outras palavras, as iniciativas autodenominadas socialistas pareciam se distanciar do eixo central que caracterizaria uma revolução socialista, qual seja, a crítica e resistência ao capital. As iniciativas socialistas tenderam a reformar o aparato estatal, político, jurídico, deixando intacto, entretanto, a lógica do capital, transformando em extração de trabalho excedente por vias econômicas em extração de trabalho excedente por via política. Esse fato colocou em xeque, tanto nos meios políticos e intelectuais, a viabilidade de um Estado realmente socialista, dando-se espaço, assim, a uma “terceira via”³.

O segundo ponto, relacionado ao primeiro, consiste no fato de que as ofensivas contra as teorias críticas contra o sistema do capital se intensificaram, adotando diversos aspectos, desde a recusa e refutação à “readaptações” que se distanciam claramente de qualquer negação a ordem sociometabólica atual. Assim, temos desde um “*Não há alternativa para o mercado livre como forma de organização da vida econômica*” (*The Economist*, 31 de

³ Anthony Giddens, em seu livro *A terceira via: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia*, propõe uma terceira via, uma posição intermediária entre o que o autor denomina de “socialdemocracia clássica” e o neoliberalismo. No prefácio, o autor afirma que “Acredito que a social-democracia pode não só sobreviver, mas também prosperar, tanto num nível ideológico quanto num nível prático. Contudo, ela só será possível se os social-democratas estiverem dispostos a rever suas ideias preexistentes de maneira mais meticulosa do que a maioria se dispôs até agora. Eles precisam encontrar uma terceira via. [...]” (GIDDENS, 2005, p. 7)

dezembro de 1991, p. 12. *Apud* MÉSZÁROS, 2011, p. 97) a um reformismo que se propõe conciliar trabalho e capital, visando ao bem de todos. Em ambos os casos, não se encontra como pauta central a superação do comando do capital sobre o trabalho, mas sim meios alternativos que beneficiem as personificações do trabalho, desde que se deixem intocáveis o primado de acumulação crescente do capital e, por conseguinte, suas cosequências.

Nesse contexto de ofensiva as teses contra o capital e de um momento histórico não muito propício para a propaganda socialista, Mészáros não seguiu o caminho do reformismo e nem do conformismo, localizando-se nos limites teórico-práticos “*de menor resistência*”, ou seja, nos limites teóricos e práticos que procuram desviar-se da crítica contundente ao sistema do capital.

As iniciativas teórico/práticas que ficam nos limites que Mészáros denomina de “menor resistência” atuam de forma a ajustar toda ação sociometabólica dentro dos interesses do capital e de suas personificações, o que significa que,

[...] Em outras palavras, se encontrar um *equivalente funcional* capitalisticamente mais viável ou fácil a uma linha de ação que suas próprias determinações materiais de outro modo predicariam (“de outro modo” significando a expansão da produção correspondendo ao desenvolvimento da “rica necessidade humana”, como descrita por Marx), o capital deve optar por aquela que esteja mais obviamente de acordo com sua configuração estrutural global, mantendo o controle que já exerce, em vez de perseguir alguma estratégia alternativa que necessitaria o abandono de práticas bem estabelecidas (MÉSZÁROS, 2011, p. 680)

Assim, na linha do pensamento marxiano e marxista, Mészáros reafirma a necessidade de se ir para além do capital, desviando-se das vias de “menor resistência”, em um além no qual o capital deixe de ser elemento totalizante, subjugador do homem e da natureza, pois:

[...] Não se pode imaginar um sistema de controle mais inexoravelmente absorvente – e, neste importante sentido, “totalitário” – do que o sistema do capital globalmente dominante, que sujeita cegamente aos mesmos imperativos a questão da saúde e a do comércio, a educação e a agricultura, a arte e a indústria manufatureira, que implacavelmente sobrepõe a tudo seus próprios critérios de viabilidade, desde as menores unidades de seu “microcosmo” até as mais gigantescas empresas transnacionais, desde as mais íntimas relações pessoais aos mais complexos processos de tomada de decisão dos vastos monopólios industriais, sempre a favor dos fortes e contra os fracos. [...] (Idem, Ibidem, p. 96)

E é por possuir este caráter totalizante, obtido a um alto custo, que envolve o sacrifício do próprio homem e da natureza, que nas últimas décadas do século XX e início do

século XXI, o capitalismo passa por um momento de crise estrutural, ou seja, “uma crise que afete o sistema do capital global não apenas em um de seus aspectos – o financeiro/monetário, por exemplo – mas em todas as suas dimensões fundamentais, ao colocar em questão a sua viabilidade como sistema reprodutivo social.” (MÉSZÁROS, 2011, p. 100).

Em tempos de crise estrutural do capital, as tendências ao surgimento de números cada vez mais crescentes de manifestações sociais⁴ em diferentes esferas da vida social passam a fazer parte da realidade social do sistema capitalista. Contudo estas manifestações sociais podem adquirir formas que correm o risco de cair nos limites da menor resistência, adotando formas de lutas que, ao invés de combater a lógica sociometabólica capitalista, considerado a razão dos problemas socioeconômicos, termina por serem lutas por integração à lógica do capital.

O filósofo Húngaro não se propõe, portanto, escrever outro *O Capital*, mas sim refletir sobre as iniciativas desenvolvidas que giram em torno do sistema do capital, colocando em questão a viabilidade deste sistema e observando suas limitações, limitações que ameaçam a própria vida na Terra. É no contexto de crítica do presente e das reflexões que giram em torno da organização sociometabólica atual, que este artigo objetiva expor a contribuição de Mészáros sobre a viabilidade histórica de uma organização sociometabólica socialista, descrevendo o que consiste a crise estrutural do capital e, de maneira específica, apontando as observações e as contribuições do autor para os movimentos sociais contemporâneos.

Essa tarefa é um repensar a prática revolucionária, demonstrando que a linha que divisa a luta revolucionária pela luta por integração ao sistema capitalista é tênue. Antes de darmos qualquer adeus à revolução, Mészáros mostra que ela se faz cada vez mais imprescindível, com possibilidade dada historicamente, mas que precisa ser repensada para que a orientação revolucionária possa estar no horizonte do descontentamento social.

A crise estrutural do capital

Após a Segunda Guerra Mundial, os países capitalistas dão um longo passo em direção à recuperação de suas economias. Essa marcha foi marcada tanto pelo crescimento econômico como pela construção de um sistema de proteção e seguridade social comandado pelo Estado. Desta forma, de 1947 a 1973, “os países desenvolvidos viveram uma fase

⁴ Desde a crise econômica mundial de 2008, presenciamos, ao redor do globo, diversas manifestações de massa nas cidades. Vale recordar o movimento dos Indignados na Espanha, o movimento Occupy Wall Street, a primavera Árabe, O Movimento Passe Livre (no Brasil).

conhecida como anos dourados, com alto crescimento econômico, estabilidade monetária, pleno emprego e redução das desigualdades sociais” (POCHMANN, 2008, p. 54). Durante este “anos dourados”, os Estados Unidos da América desempenhou papel de liderança mundial, já que durante toda a II Guerra Mundial, embora tenha entrado em combate, não experimentou a destruição que o território Europeu havia experimentado. Com uma posição bem melhor do que a Europa pós-guerra, os EUA passou a financiar a recuperação da Europa e do Japão, conseguindo o que, no entender de Arrighi (1996), nenhum outro país conseguiu até então, transformar grande parte da sua dívida externa em ativos.

Contudo, ao longo dos anos dourados, os padrões de crescimento econômico e de seguridade do *welfare state* apontavam contradições e limitações que acenavam para o esgotamento de um modelo de organização social que por longos anos se concentrou em volta de padrões tecnológicos fordistas, com uma estrutura social rígida e tendo no setor industrial o sinônimo de progresso. Passa-se a observar características de um capitalismo monopolista que, segundo Netto & Braz (2007, p. 202-203), assim se caracteriza:

- a) O investimento se concentra nos setores de maior concorrência, uma vez que a inversão nos setores monopolizados torna-se progressivamente mais difícil;
- b) As taxas de lucro tendem a ser mais altas nos setores monopolizados;
- c) A taxa de acumulação se eleva, acentuando a tendência decrescente da taxa média de lucro;
- d) Cresce a tendência a economizar trabalho vivo, com a introdução de inovações tecnológicas;
- e) Mantém-se, ainda que reduzida, a tendência ao subconsumo;
- f) Os preços das mercadorias (e serviços) produzidos pelos monopólios tendem a crescer progressivamente;
- g) Os custos de venda sobem, uma vez que o sistema de distribuição tende à hipertrofia;
- h) A inflação se cronifica.

Os limites que surgem nas economias globais para manter suas taxas de crescimento e bem-estar crescentes se fazem sentir de forma intensa a partir da crise de 1973. A partir da década de 70, o capital começa a apresentar esgotamento de sua capacidade de acumulação crescente. Na base das razões desse esgotamento se encontram as próprias contradições inerentes ao sistema capital, que ativam os limites absolutos do capital, limites estes que se apresentam nas formas de (MÉSZÁROS, 2011):

- a) Agravamento do desemprego crônico;
- b) Degradação das condições ambientais;

- c) Antagonismo estrutural entre o capital global e os Estados nacionais; e
- d) Luta pela emancipação das mulheres;

São neste cenário que foram adotadas as ações intervencionistas que geraram impactos significativos no mundo do trabalho. As principais ações intervencionistas adotadas foram: a introdução progressiva do capital privado nas empresas estatais de serviços públicos como um passo em direção à privatização; o incremento das tarifas de serviços públicos para reduzir, assim, os subsídios, e a penetração da lógica mercantil no funcionamento das instituições de seguridade social; a atração de investimentos estrangeiros diretos; redução de barreiras aduaneiras para obtenção de acesso aos mercados exteriores, o que acirra a competição não só entre firmas, mas entre nações; o desregulamento dos mercados para estimular a competição; o aumento das taxas de juros para frear o consumo e estimular a poupança e os investimentos das famílias; maior controle dos gastos públicos sociais para reduzir o déficit fiscal, considerado como causador de inflação; moderação nos aumentos de salário para compensar a inflação, estando eles abaixo do incremento da produtividade; e freio à demanda para aumentar as taxas de investimento (NEFFA, 2010).

Estas medidas, contudo, ao invés de superar os limites absolutos do capital (MÉSZÁROS, 2011), tendem a intensificá-lo, já que, se as reformas nas relações de produção vencem os obstáculos no curto prazo para a acumulação de capital, no longo prazo os limites são de ordem socioeconômica e se relacionam com a própria constituição do sistema do capital que, em busca de maiores retornos para os investimentos, termina por gerar pressões sobre o ecossistema e sobre o homem em seu trabalho.

No sistema do capital, a geração de lucro surge a partir da exploração do trabalho vivo, que por transformá-lo em um fator de produção e submetê-lo a condições técnicas, terminam por pressionar tanto o físico como o subjetivo do trabalhador (HARVEY, 2005; ALVES, 2011). É neste ponto que as observações de Harvey (2005, p. 131), de que “um maior padrão material de vida para o trabalhador não é necessariamente incompatível com um aumento da taxa de exploração” desmistifica a visão de autores que por verem na contemporaneidade uma sociedade da informação e do conhecimento e, portanto, capaz de tornar o trabalho atrativo e melhor, distante do cenário do trabalho industrial do século XIX, descrito, por exemplo, por Engels (2010) e Thompson (1997), escondem a importância do trabalho como categoria sociológica fundante do ser social (LUKÁŠ, 2010), chegando ao

ponto de substituírem a teoria do valor trabalho por uma teoria do valor conhecimento (BELL, 1977).

As crises, agora de cunho estruturais, não mais apresentam um caráter de reestruturação capitalista, mas ao contrário, significam a própria limitação do sistema do capital como pilar fundamental da reprodução da vida humana. Em termos distintivos, enquanto as crises anteriores pré-setenta tendiam a ser restrita a esferas específicas do sistema capitalista, atingindo mercados locais, com prazos limitados e cíclicos e, por fim, com erupções e colapsos abruptos, as crises pós-setenta são, em sua maioria, de caráter universal, de alcance global com escala de tempo contínua e com modos de desdobramentos rastejantes (MÉSZÁROS, 2011).

A crise estrutural do capital, portanto, tem o poder de ramificar seus problemas, crises e danos para todas as faces constitutivas do ser humano, já que o capital, hoje, é uma força que a tudo e todos subjuga, pois, recordemos que,

[...] o capital em si não passa de um modo e um meio dinâmico de mediação reprodutiva, devorador e dominador, articulado como um conjunto historicamente específico de estruturas e suas práticas sociais institucionalmente incrustadas e protegidas. É um sistema claramente identificável de mediações que, na forma adequadamente desenvolvida, subordina rigorosamente todas as funções de reprodução social – das relações de gênero e família até a produção material e a criação das obras de arte – à exigência absoluta de sua própria expansão, ou seja: de sua própria expansão constante e de sua reprodução expandida como sistema de mediação sociometabólico (MÉSZÁROS, 2011, p. 188).

Nada foge ao controle totalizador e expansivo do capital. A sua expansão está garantida enquanto houver espaço para se expandir, mesmo que seja preciso destruir o que já foi conquistado⁵. Desta forma

O capital é o impulso infinito e ilimitado de ultrapassar as barreiras que o limitam. Qualquer limite (*Grenze*) é e tem de ser uma barreira (*Schranke*) para ele. Caso contrário, ele deixaria de ser capital – dinheiro que se autorreproduz. Se tivesse percebido algum limite não como uma barreira, mas se sentisse bem dentro dessa limitação, ele teria *renunciado ao valor de troca pelo valor de uso*, passando da forma geral de riqueza para um modo *tangível e específico* desta. O capital em si cria uma mais-valia específica porque não tem como criar uma infinita; ele é o *movimento constante para criar mais da mesma coisa*. Para ele, a *fronteira quantitativa* da mais- -valia é uma simples barreira natural, uma carência que ele tenta constantemente

⁵ É importante lembrarmos que não basta restringir os limites do capital a sua expansão espacial. A mera possibilidade de ainda existir expansão também é importante ser lembrada, pois se o capital vier a se apossar de cada centímetro do globo terrestre, mesmo assim seu movimento expansivo ainda pode estar garantido na Terra por meio da destruição de conquistas já feitas. A destruição compõe uma esfera do capital. Nesse sentido, a guerra é justificável, pois abre espaço novamente para o movimento expansivo do capital.

violar, além da qual procura chegar. *A barreira se apresenta como um acidente a ser conquistado.* (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2011, p. 251)

O momento de crise estrutural do capital coloca em questão a viabilidade do sistema sociometabólico capitalista. Porém, longe de representar uma visão determinista, que vê na crise e queda do capital a emergência para o socialismo. Ao contrário, a atuação de sujeitos conscientes, a luta de classes, de grupos, de etnias, dentre outros, é fundamental para se repensar o futuro da sociedade.

Entretanto, nem todos estão conscientes do rumo a se dar ao futuro. O problema da transição, da construção de uma nova ordem sociometabólica é complexo, podendo tomar diversos caminhos. O desafio é imenso e o risco de se pegar o caminho “errado” ou mais cômodo é grande e tentador. É com isso em mente que István Mészáros deixa observações relevantes para os movimentos sociais, principalmente no que é referente a um compromisso verdadeiro e persistente de se criar uma nova ordem sociometabólica diferente da ordem do capital.

Os movimentos sociais entre a luta revolucionária e a luta integrativa

O momento de crise do capital apresenta duas características importantes para nossa análise. A primeira característica corresponde ao papel da crise no capitalismo. Embora não caiba aqui uma análise detalhada, ressaltamos que as crises são elementos constitutivos do sistema sociometabólico do capital, sendo oportunidade para sua reestruturação, reestruturação que o ponha em um patamar superior de controle e poder. E quando se trata de uma crise estrutural, crise que está acima de soluções dentro da própria lógica do capital? Se este tipo de crise não representar uma oportunidade para o capital, não se deve acreditar, ingenuamente, que uma transição para uma sociedade sem o controle dominante do mesmo se dará pacificamente, pois as personificações do capital não estão dispostas a abrir mão, pacificamente, do poder de controle social e de satisfação de desejos que possuem e que é ortogado pelo capital. Em outras palavras, desconsideremos a possibilidade de uma transição socialista ou fim do capitalismo que seja pacífico e sem danos colaterais severos para o homem, o que, de certa forma, significa um socialismo ou barbárie⁶.

⁶ “Se eu tivesse de modificar as palavras dramáticas de Rosa Luxemburgo com relação aos novos perigos que nos esperam, acrescentaria a “Socialismo ou barbárie” a frase “barbárie se tivermos sorte” – no sentido de que o extermínio da humanidade é um elemento inerente ao curso do desenvolvimento destrutivo do capital. E o mundo dessa terceira possibilidade, além das alternativas de “socialismo ou barbárie”, só abrigaria baratas, que

Segunda, durante o momento de crises, o sistema sociometabólico do capital se apresenta em sua verdadeira face, considerando as análises feitas por Karl Marx nos três tomos de O Capital. Marx é enfático em afirmar que a lógica que sustenta o sistema capitalista gira na acumulação crescente do capital, na geração de valor que gera cada vez mais valor e que essa geração de valor se dá a custa do sacrifício humano, já que sobre a base da acumulação capitalista está a exploração da força de trabalho. Como uma descrição pormenorizada desta observação custaria ao presente trabalho longas páginas, ressaltamos aqui uma citação, que embora longa, nos apresenta a lógica do capital sem o véu da mistificação ideológica:

Na seção IV, ao analisar a produção do mais-valor relativo, vimos no interior do sistema capitalista todos os métodos para aumentar a força produtiva social do trabalho se aplicam à custa do trabalhador individual; todos os meios para o desenvolvimento da produção se convertem em meios de dominação e exploração do produtor, mutilam o trabalhador, fazendo dele um ser parcial, degradam-no à condição de um apêndice da máquina, aniquilam o conteúdo de seu trabalho ao transformá-lo num suplicio, alienam ao trabalhador as potências espirituais do processo de trabalho na mesma medida em que a tal processo se incorpora a ciência como potência autônoma, desfiguram as condições nas quais ele trabalha, submetem-no, durante o processo de trabalho, ao despotismo mais mesquinho e odioso, transformam seu tempo de vida em tempo de trabalho, arrastam sua mulher e seu filho sob a roda do carro de jagrená do capital. Mas todos os métodos de produção do mais-valor são, ao mesmo tempo, métodos de acumulação, e toda expansão da acumulação se torna, em contrapartida, um meio para o desenvolvimento desses métodos. Segue-se, portanto, que, à medida que o capital é acumulado, a situação do trabalhador, seja sua remuneração alta, seja baixa, tem de piorar. Por último, a lei que mantém a superpopulação relativa ou o exército industrial de reserva em constante equilíbrio com o volume e o vigor da acumulação prende o trabalhador ao capital mais firmemente do que as correntes de Hefesto prendiam Prometeu ao rochedo. Ela ocasiona uma acumulação de miséria correspondente à acumulação de capital. Portanto, a acumulação de riqueza num polo é, ao mesmo tempo, a acumulação de miséria, o suplicio do trabalho, a escravidão, a ignorância, a brutalização e a degradação moral no polo oposto, isto é, do lado da classe que produz seu próprio produto como capital. (MARX, 2013, p. 720-721)

Em tempos de crise, a face “perversa” do sistema do capital se revela porque o que estar em jogo é sua própria existência e para garantir sua permanência como sistema sociometabólico, as modificações, por mais desumanas que possam a vir a parecer, se preciso, devem ser tomadas para colocar o capital na trilha da expansão e acumulação. Assim, não apenas o trabalho se vê afetado pela face “perversa” do capital, mas o meio ambiente, a

suportam níveis letais de radiação nuclear. É esse o único significado racional da *terceira via do capital*.” (MÉSZÁROS, 2007, p. 132)

educação, a arte, as questões de gênero, etc., pois, como já nos referimos antes, o capital atingiu um poder totalizador enorme.

É diante das duas características apresentadas que lançamos luz sobre o desafio que os movimentos sociais enfrentam em se manter no compromisso com a solução dos problemas por quais lutam, encontrando-se entre a luta revolucionária e a luta por integração à lógica do capital.

O contexto social hoje impõe inúmeros desafios para a existência humana e, longe de julgarmos alternativas postas que procurem solucionar esses inúmeros problemas, nos limitaremos aqui a ressaltar a necessidade de se reafirmar a cada instante o compromisso com uma sociedade mais justa e igualitária⁷. Para ressaltarmos esse compromisso, o primeiro passo é ter em mente o tamanho da tarefa que nos é imposta, a tarefa de pensar a sociedade em que vivemos em toda a sua complexidade. Essa tarefa só é possível se estivermos abertos para a crítica mais radical possível, ou seja, “Ser radical é agarrar a coisa pela raiz. Mas a raiz, para o homem, é o próprio homem” (MARX, 2010, p. 151)⁸. No centro da crítica deve-se encontrar o próprio homem e suas ações. É fundamental que os movimentos de massa e as manifestações sociais possuam uma orientação clara, pautada na crítica teórica do que é a organização social no qual vivemos. Ignorar a realidade sociometabólica no qual desenvolvemos nossa existência é um risco para os movimentos sociais, que ignorando o poder totalizador do capital, terminam agindo em suas esferas particulares, podendo ser facilmente marginalizados. Com a palavra Mészáros (2011, p. 95-96), que observa que:

A transferência da lealdade dos socialistas desiludidos da classe trabalhadora para os chamados “novos movimentos sociais” (hoje valorizados em oposição ao trabalho e desprezando todo o seu potencial emancipador) deve ser considerada prematura e ingênua. Os movimentos de questão única, mesmo quando lutam por causas não integráveis, podem ser derrotados e marginalizados um a um, porque não podem alegar estar representando uma alternativa coerente e abrangente à ordem dada como modo de controle

⁷ “A primeira questão que devemos considerar diz respeito à possibilidade de uma abordagem radicalmente diferente do desenvolvimento das potencialidades produtivas humanas, em resposta a uma necessidade genuína; oposta à prática estabelecida da reprodução social, subordinada aos imperativos alienados da produção-do-capital sempre-em-expansão, sem consideração das suas implicações para as necessidades humanas.” (MÉSZÁROS, 2011, p. 605)

⁸ Em sua *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels complementam a tese da radicalidade, da centralidade do homem no processo de construção da realidade social quando afirma: “A produção de idéias, de representações e da consciência está, no princípio, diretamente vinculadas à atividade material e intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio espiritual entre os homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material. São os homens produtores de suas representações, de suas idéias, etc., mas os homens reais e atuantes, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações a eles correspondentes, até chegar às suas mais amplas formações. A consciência nunca pode ser outra coisa que o ser consciente, e o ser do homem é o processo da vida real.” (MARX, ENGELS, 2006, p. 51)

sociometabólico e, sistema de reprodução social. Isto é o que faz o enfoque no potencial emancipador socialista do trabalho mais importante hoje do que nunca. O trabalho não é apenas não integrável (ao contrário de certas manifestações políticas do trabalho historicamente específicas, como a social-democracia reformista, que poderia ser corretamente caracterizada como integrável e na verdade completamente interada nas últimas décadas), mas – precisamente como a única alternativa estrutural viável para o capital – pode proporcionar o quadro de referências estratégico abrangente no qual todos os movimentos emancipadores de “questão única” podem conseguir transformar em sucesso sua causa comum para a sobrevivência da humanidade.

Assim, quando agindo em interesse apenas dos grupos que defendem, os movimentos sociais correm o risco de não apresentarem uma alternativa que de fato solucione o problema no qual combatem. Em termos de exemplo, vejamos o caso dos movimentos de caráter ambientalista.

Para os movimentos em favor do meio ambiente, uma análise detalhada verá que a lógica expansiva e acumulativa do capital é incompatível com qualquer estratégia ambientalista que ouse por limites ao capital, já que:

[...] Não existe uma maneira de definir a própria expansão dentro da estrutura do sistema de capital senão de modo puramente quantitativo, projetando-a como extensão direta do que existe. Tal expansão deve ser vista como *algo além do que existe* – mesmo quando as perspectivas de assegurar o acréscimo defendido pareçam mais problemáticas, para não dizer absurdas [...] (MÉSZÁROS, 2011, p. 178)

Ignorando a incontrollabilidade do capital, as alternativas de desenvolvimento sustentável soam como uma luta por integração a lógica capitalista, onde se tentam conciliar um crescimento econômico com um desenvolvimento social e proteção ambiental. A mesma observação feita para os movimentos ambientalistas cabem para outros movimentos sociais.

É sempre bom ressaltar que Mézáros não desmerece os movimentos sociais diversos (da mulher, dos negros, dos índios, do meio ambiente, etc.). Ao contrário, ele quer mostrar que estas lutas, embora sejam lutas dignas, não afetam a raiz do problema, limitando-se a superfície do problema, onde se encontra a possibilidade a integração a lógica do capital (também se revelando como um caminho de “menor resistência”, mesmo que sem intenção declarada de se seguir tal caminho). O que o autor ressalta é que é necessário se apropriar da dinâmica capitalista, de sua lógica constitutiva, compreender o sistema sociometabólico do

capital e, assim, se apropriando teoricamente da dinâmica concreta capitalista, com o apoio coletivo e por meio da força do trabalho, fazer a revolução e não a simples reforma⁹.

Conclusão

O sistema do capital possui um poder dominante que está além do controle indivíduo e mesmo estatal. Agindo sobre as cabeças dos indivíduos, vistos como meras personificações do capital, para os que têm sorte, ou personificações do trabalho, a incontabilidade do capital lança a questão da possível alternativa ao sistema sociometabólico do capital.

Contudo, diante do contexto de crises que se inserem na própria lógica estrutural do capital, o número de insatisfações a organização socioeconômica atual cresce significativamente. Por outro lado, diante da complexidade dos problemas que cercam o homem, o desafio maior é fornecer uma orientação às insatisfações sociais que caminhem em direção a uma alternativa sociometabólica diferente ao domínio do capital.

Mészáros, em seu livro *Para Além Do Capital: rumo a uma teoria da transição*, coloca uma série de questões para reflexão sobre os desafios de se estabelecer uma organização sociometabólica alternativa. Uma destas questões se refere ao desafio encontrado pelos movimentos sociais em se engajarem em uma orientação de caráter revolucionário, comprometido com uma ordem de reprodução social diferente a ordem do capital. O risco dos movimentos sociais tomarem o caminho de “menor resistência”, caminho que demanda transformações que deixam intactas a ordem do capital, é grande, devido tanto à complexidade do problema que é compreender o sociometabolismo do capital, como o desafio de enfrentar o poder totalizador do capital.

Entretanto, embora o desafio seja imenso, Mészáros observa que há sim a possibilidade dos movimentos sociais agirem como força contra a lógica do capital. Para tanto, a crítica teórica a sociedade capitalista e ao capital é fundamental, pois fornecerá a lógica de atuação e controle do capital, mostrando a necessidade de tais movimentos se inserirem na luta revolucionária ao lado da classe proletária, detentora da força de trabalho e razão da existência do capital.

⁹ Lutar por reforma não é um problema em si. Reformas são necessárias devido ao caráter urgente de muitos problemas sociais. A questão que estar em jogo é a orientação dada à reforma, se elas fazem parte da dinâmica do capital para sua expansão e acumulação, ou se elas estão comprometidas com a erradicação do sociometabolismo do capital.

Abordar as obras de Mészáros demanda tempo e esforço teórico devido a riqueza de teses e análises. Porém se revela de grande importância para aqueles que estão de fato comprometidos com uma sociedade nova, mais humana e igualitária.

Referências

- ALVES, Giovanni. **Trabalho e subjetividade**: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.
- ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX**: Dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda, 1996.
- BELL, D. **O advento da sociedade pós-industrial**: uma tentativa de previsão social. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- GIDDENS, Anthony. **A terceira via**: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- Marx, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle; Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2010.
- _____. **O Capital**: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX; ENGELS. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- _____. **O desafio e o fardo do tempo histórico**: o socialismo no século XXI. Tradução de Ana Cotrim e Vera Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007.
- NEFFA, Julio César. **Naturaleza y significación del trabajo/empleo precario**. In: BUSSO, Mariana; PÉREZ, Pablo (coord.). **La corrosión del trabajo**. Estudios sobre informalidad y precariedad laboral. Buenos Aires: Miño y Dávila/CEIL-PIETTE, 2010.
- NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política**: uma introdução crítica. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- POCHMANN, Marcio. **O emprego no desenvolvimento da nação**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, Vol. I.

